

Abriço de problemas

Dante Accioly

Da equipe do Correio

Os seis filhos se amontoam em dois beliches de concreto. A pernambucana Aparecida Fortunata da Silva, de 31 anos, vive com o marido e as crianças em um dos 206 cubículos do Centro de Abrigamento Conviver (Ceacom), em Taguatinga. Mantida pela Secretaria de Ação Social (Seas) para abrigar retirantes que chegam a Brasília, a única instituição do gênero no Distrito Federal é alvo de denúncias de superlotação e maus-tratos contra albergados.

O quarto onde Aparecida mora com os filhos tem seis metros quadrados. Pouco espaço para tanta gente. "Aqui dorme um em cima do outro. Dois meninos em cada cama, e o resto no chão". Nada menos do que 640 abrigados dividem o espaço destinado a 350 pessoas — uma superlotação de 82%.

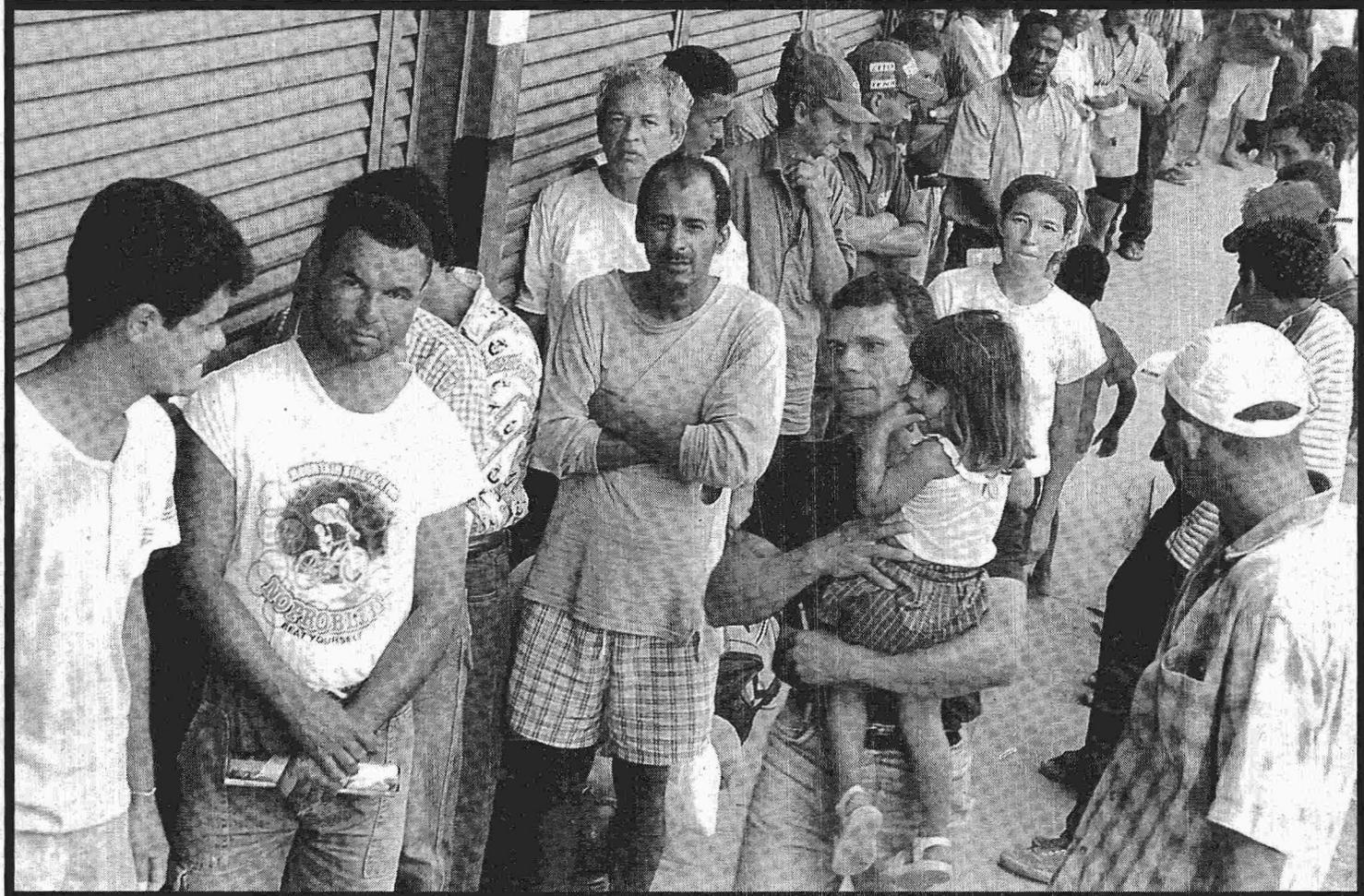
A Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados esteve ontem no Ceacom para investigar as suspeitas de população excessiva e de violência contra abrigados. O presidente da comissão, Orlando Fantazzini (PT-SP), vai preparar um relatório sobre a instituição e enviar à Seas até a próxima sexta-feira. "Os abrigados reclamam do tratamento que recebem da empresa de segurança. Vou sugerir que o GDF fique atento aos casos de agressão física e verbal", adianta.

ARMA DE FOGO

No dia 26 de abril, um grupo de dez abrigados procurou a comissão e denunciou abusos cometidos por funcionários da empresa Gávea — terceirizada para garantir a segurança no Ceacom. Segundo depoimento prestado pelo grupo à Gerência de Assistência a Vítimas e Testemunhas Ameaçadas, do Ministério da Justiça, "um dos vigilantes do albergue disparou quatro tiros de arma de fogo para cima, a fim de organizar a fila do almoço" no dia 29 de março.

Na noite de 25 de abril, os vigilantes teriam usado a tática do espancamento para solucionar uma discussão entre albergados bêbados. "Cinco vigilantes entraram nos alojamentos, indagando quem era o responsável pela algazarra. Eles pegaram uma pessoa conhecida como *Negão* e a espancaram, para servir de exemplo", conta um albergado. A identidade dele não pode ser revelada, por questão de segurança.

Fotos: Carlos Vieira



NO ALBERGUE, 640 ABRIGADOS DIVIDEM UM ESPAÇO PROJETADO PARA APENAS 350 PESSOAS: A MAIORIA VEIO DO SUDESTE E DO NORDESTE

QUEM É O ABRIGADO

FAIXA ETÁRIA	
0 a 6 anos	408
7 a 12 anos	172
13 a 18 anos	131
Mais de 18 anos	3.474
Total	4.185
REGIÃO DE ORIGEM	
Sudeste	532
Nordeste	508
Centro-Oeste	375
Norte	97
Sul	38
DF (retirados de invasões)	102
ESCOLARIDADE	
Sem escolaridade	474
1º grau completo	1.006
2º grau completo	153
Nível superior	19

Dados relativos ao primeiro semestre de 2001
Fonte: Ceacom



ANTÔNIO (COM A FILHA PRIMAVERA) VEIO DO MARANHÃO PARA TENTAR "UMA VIDA SAUDÁVEL PARA OS FILHOS"

De acordo com o depoimento, "um dos vigilantes, com arma de fogo em punho, agrediu *Negão* no rosto, enquanto os outros (*quatro seguranças*) davam cobertura". Um vigilante "tomou um dos albergados conhecido como *Padre* e o agrediu com vários socos no rosto".

Ameaçados de morte, alguns abrigados que prestaram depoimento no Ministério da Justiça conseguiram voltar para os estados de origem. Os demais continuam no Ceacom e ainda aguardam transferência.

A diretora do albergue, Célvora de Castro, assumiu a institui-

ção uma semana após os incidentes com os funcionários da empresa Gávea. "Determinei que os vigilantes fossem afastados", explica. Ela não reconhece superlotação no Ceacom. "As famílias sempre são encaminhadas de volta para casa", justifica.

O dono da Gávea, Otávio Alves Neto, nega as denúncias sobre espancamento. "O vigilante só deu um tiro para cima porque estava com medo." Um grupo de albergados registrou ocorrência por lesão corporal e ameaça, na 21ª DP (Taguatinga Sul), contra um dos seguranças.